

A Pauta

Parece bem claro que a classificação de risco soberano (o “rating”) do país se tornou o grande organizador conceitual da política econômica do governo Lula³. Como é bem sabido, a economia não esteve entre os grandes debates no decorrer do processo eleitoral. Em consequência, o programa econômico desse governo tem sido montado em pleno voo, e por ministros que não imaginavam estar nas cadeiras que hoje ocupam.

Sim, há muito espaço para improviso e voluntarismo, bem como para a influência corporativa das “máquinas”. São grandes os perigos, basta lembrar da Nova República.

Há muitas salvaguardas dessa vez, e a principal delas, não vamos esquecer, é a autonomia do BCB, da qual o Presidente tanto se queixa.

Nesse contexto, o “upgrade”, ou a melhora na nota concedida pela Fitch, e mais ainda os festejos que provocou, em Brasília como no mercado, serviram para apontar uma direção para uma tropa no interior da qual abundam dúvidas e as divisões.

É claro que o presidente democraticamente eleito possui toda a legitimidade do mundo para fazer tudo errado na economia.

Mas é melhor que acerte.

É claro que o “upgrade” foi um prêmio para o governo, e em especial aos bons serviços do ministro Haddad, que vai desempenhando muito bem o papel que outrora coube a Antonio Palocci.

Elegante e altaneiro, o ministro dividiu as honras, parecendo entender que a melhor parte da premiação era a indicação sobre o gosto do público: o governo não tinha uma agenda econômica e agora sabe perfeitamente o que fazer para agradar.

E ao acertar na economia, o resto vem muito mais fácil.

As indicações são também preciosas sobre o que não fazer. O anticapitalismo infantil típico dos economistas do PT é um risco importante, e que pode contaminar a conversa sobre impostos que o ministro quer estabelecer mais adiante.

Não há ironia na Fitch utilizar a palavra pragmatismo mais de uma vez em seu relatório. Eles entendem que o governo é de esquerda e que advoga um

afastamento da agenda liberal de governos anteriores. Entendem também que o governo vai se inclinar na direção do aplauso, pois não existe soberania sem responsabilidade.

A agência viu méritos em iniciativas do ministro que vinham no empuxo, e que eram assuntos em andamento, como o arcabouço fiscal e a reforma tributária. E aplaudiu coisas que o governo não fez, mesmo que tenha tentado, como detonar a autonomia do BCB e o marco do saneamento.

Pouco importa o processo decisório e a intenção, o resultado foi positivo e o campeonato prossegue.

Pouco importa também que ir do BB- para o BB seja mais ou menos como entrar no G4 da série B.

É um progresso.

O importante é fixar o conceito do que é necessário para voltar à série A.